

NEUSA MARIA GOMIDE PACHECO DE CARVALHO

**PROPOSTA DE TREINAMENTO DE PAIS PARA ATUAREM EM ESTIMULAÇÃO
DE CRIANÇAS ENTRE QUATRO E SETE ANOS DE IDADE COM
DEFICIÊNCIA AUDITIVA SEVERA OU EXTREMA**

Dissertação de Mestrado apresentada
para obtenção do título de Mestre em
Educação, na Universidade Federal do
Paraná.

CURITIBA

1981

Ao Célio, meu marido, pela
compreensão com meus estu
dos.

Ao Rodrigo Octávio, meu fi
lho, pelo seu sorriso de
estímulo, durante todo meu
trabalho.

PROFESSORES ORIENTADORES

DRA. CONSUELO DE MENEZES GARCIA
Livre docente e doutor em
Educação - Currículo
Universidade Federal do Paraná

DR. LOUIS BRUNO ALCORTA
Ph.D. em Educação - Ciências
Stanford University - USA

CONSULTORA DE PESQUISA

DRA. ZÉLIA MILLÉO PAVÃO
Livre Docente em Educação-Es-
tatística
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Esta pesquisa ocupou-se com o treinamento aos pais para atuarem em estimulação de crianças, entre quatro e sete anos de idade, com deficiência auditiva severa ou extrema, de forma a facilitar a essas crianças aquisição da fala e prontidão para a escolaridade obrigatória (sete a quatorze anos).

Dadas as condições do Estado do Paraná que, de acordo com os dados apresentados no presente trabalho (páginas 3,4 e 5) são de quase impedimento de educação anterior aos sete anos, faz-se necessária uma proposta de treinamento aos pais para atuarem em estimulação de crianças deficientes auditivas, preparando seus filhos para a escolaridade obrigatória.

Para montagem do currículo de treinamento aos pais baseou-se a autora da pesquisa nas idéias de Concepções de Currículo de EISNER & WALLANCE, utilizando-se a concepção de "Currículo como desenvolvimento de processos cognitivos" para o treinamento dos pais dos deficientes; e a concepção de "currículo para auto-atualização" para o treinamento que os pais deverão direcionar aos filhos deficientes da audição.

Elaborou-se um modelo de treinamento composto de três partes: treinamento auditivo, desenvolvimento de psicomotoricidade e trabalho em linguagem interna e receptiva.

Considera-se que o relacionamento entre os pais e a criança deficiente auditiva deverá ser de aceitação mútua e que todas as horas e momentos do dia devem ser aproveitados; portanto, não se determina um horário especial para o trabalho, mas recomenda-se aos pais aproveitarem as oportunidades da vida diária para alcançarem os objetivos selecionados, utilizando-se dos passos teóricos indicados nesta proposta.

ABSTRACT

This research deals with the training of four and seven years children's parents with severe or extreme auditive deficiency, in order to facilitate their children's speech acquisition and to prepare them for the compulsory education age from seven to fourteen years.

Considering Paraná environment and social problems to the data presented in this paper (pages 3, 4 and 5), are of almost impediment of early education, a proposition of training is necessary, in order to enable the parents to act in stimulation of auditive children, preparing them for the compulsory education.

In the composition of the parental training curriculum, this author followed EISNER & WALLANCE'S conceptions of "curriculum development of cognitive processes", for the training of the parents themselves, and the conception of "curriculum for self-actualization", for the training and orientation to be dispensed to the auditive deficient children.

A three dimension model is proposed, composed by: auditive training, psychomotricity development, and internal receptive language work. The relationship between parents and auditive deficient children is recommended to be of mutual acceptance, and there is no determination of special schedule for their work. The parents are oriented to take advantage of all daily life opportunities for interaction, to reach the selected objectives by applying the theoretical steps indicated in this paper.

S U M Á R I O

RESUMO	iv
ABSTRACT	v
SUMÁRIO	vi
LISTA DE QUADROS E FIGURAS	viii
CAPÍTULO I	
INTRODUÇÃO	1
1.1 PROBLEMA	7
1.2 HIPÓTESE DE TRABALHO	8
1.3 OBJETIVO	9
CAPÍTULO II	
SEQUÊNCIA METODOLÓGICA	11
2.1 ESTRUTURAÇÃO TEÓRICA	11
2.1.1 Concepções de Currículo	12
2.1.2 Experiências em Linguagem	14
2.1.3 Psicomotricidade e Aprendizagem	20
2.1.4 Treinamento Auditivo	22
2.2 MODELO DE TREINAMENTO AOS PAIS	24
CAPÍTULO III	
PROPOSTA CURRICULAR PARA TREINAMENTO DE PAIS DE CRIANÇAS DEFICIENTES DA AUDIÇÃO (SEVERA OU <u>EX</u> TREMA) MENORES DE SETE ANOS	28
3.1 Linguagem	29
3.2 Psicomotricidade	33
3.3 Treinamento auditivo	51

CAPÍTULO IV

RECOMENDAÇÕES 55

GLOSSÁRIO 57

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 59

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

QUADRO

NÚMERO	DESCRIÇÃO	PÁGINA
1	Dados sobre o atendimento do deficiente auditivo no Paraná	2

FIGURA

NÚMERO	DESCRIÇÃO	PÁGINA
1	Modelo de treinamento aos pais	24

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

No Brasil os deficientes auditivos ainda não são suficientemente estudados; no momento, um órgão tem se destacado por, além de manter cursos para deficientes auditivos, ter uma equipe que seleciona, estuda e traduz textos de línguas estrangeiras sobre os problemas de deficiência auditiva.

Esse órgão é a Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e tem recebido incentivo do Centro Nacional de Educação Especial para promover Cursos de Especificação a professores, psicólogos, fonoaudiólogos e supervisores de Escolas Especializadas para Deficientes Auditivos. Desta forma, esta pesquisa se apoia em muitos elementos fornecidos pelo referido órgão.

Consultados os catálogos do Banco de Teses só se encontrou um trabalho intitulado "A educação do excepcional no Rio Grande do Sul - Novas perspectivas para a educação do deficiente da audição e da fala", tese defendida por Marilene Machado Toaldo, da Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Pedagógicas. Curso de pós-graduação em Educação, em janeiro de 1972. Assim vê-se que este campo tem sido pouco estudado no Brasil.

A Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo estimou - pois apenas há possibilidades de se fazer estimativas pela falta de dados existentes no país - em 115.200 o número de deficientes auditivos na faixa etária de sete a quatorze anos, sendo que destes, uma minoria (que não

chega a dez por cento) é atendida em escolas; os demais ficam sem atendimento, segundo dados apresentados na Proposta Curricular para deficientes auditivos. (7)

As crianças com deficiência auditiva, com menos de sete anos, que têm muito mais necessidade de atendimento, não recebem educação nas escolas.

A situação de atendimento às crianças com deficiência auditiva, no Paraná, conforme a legislação vigente (1) está caracterizada no quadro a seguir:

DADOS SOBRE O ATENDIMENTO DO DEFICIENTE AUDITIVO NO PARANÁ

CIDADE	ESCOLA	ALUNOS		
		2 a 6 anos	7 a 14 anos	mais de 14 anos
Curitiba	. Centro de Reabilitação de Audição e da Fala "Alcindo Fanaya Junior" - CRAF	13	103	4
	. Escola para Surdos Epheta	44	96	27...
	. Centro de Reabilitação "Sidney Antonio" -CRESA	21	27	
	. Associação de Pais e Amigos dos Surdos - APAS	7	22	20
	. Grupo EMcolar Dezenove de Dezembro - Classe Especial		5	
Assis Cha teaubriand	. Escola Ternura		14	2
Arapongas	. Marquês de aravelas - Classe Especial		10	
Apucarana	. Escola Apucaranesa de Recuperação ao Excepcional	7	35	27

Cascavel	.Centro de Reabilitação Tia Amélia - ACAS	12		
Campo Mourão	.Departamento de Assistência Social Urbana		14	
Campo Largo	.Escola de Recuperação da Criança Excepcional	3	5	
Foz do Iguaçu	.Bartolomeu Mitre		14	
Frsco.Beltrão	.Escola para Excepcionais Mundo Colorido		7	
Guaíra	.Escola Castelo Branco		5	
Irati	.Nossa Escola		8	
Jacarezinho	.Gustavo Lessa		6	
Lapa	.Serafim F.do Amaral		12	
Londrina	.Instituto Londrinense de Educação para Surdos	13	123	
Mallet	.Escola para Menores Surdos		48	
Mal.Cândido Rondon	.Escola Municipal Bento Munhoz da Rocha Neto		8	
Maringá	.Instituto de Educação		16	2
Maringá	.Escola Municipal Laura Parente Brossolan		9	
Medianeira	.Costa e Silva		7	
Matelândia	.Dom Bosco		3	
Palotina	.Barão do Rio Branco		9	
Ponta Grossa	.Centro Pontagrossense de Reabilitação da Audição e da Fala "Geni de J.de Souza Ribas"		21	
Porecatu	.Anne M.Serrano		1	
	.Duque de Caxias		10	
Paraíso do Norte	.Escola para Excepcionais Creche do Centro de Recreação Tia Isaura	1	6	4

Rio Negro	.Escola de Educação para Excepcionais "Tia Apolônia"	21
Rolândia	.Instituto de Orientação e Reabilitação da Criança Excepcional	9
Toledo	.Dr.Borges de Medeiros	9
Umuarama	.Walter Kreisser	
Santa Helena	.Marechal Deodoro	5

Total de alunos atendidos no Estado do Paraná:

Menores de sete anos	:	121
Entre sete e quatorze anos	:	688
Maiores de quatorze anos	:	86

Ora, a criança sem nenhuma deficiência sensorial, prepara-se para a fala durante os dois primeiros anos de vida, adquirindo primeiramente experiências significativas, sendo necessário um período de seis a nove meses para o desenvolvimento da linguagem interna⁽⁶⁾ e depois, relacionando as palavras que recebe auditivamente com as experiências que tem é que chega à linguagem receptiva, para finalmente, expressar-se pela palavra falada. *

A criança com deficiência auditiva também precisa ser preparada da mesma forma para chegar a falar. Como a linguagem se adquire - via de regra - pela audição e o surdo, privado deste sentido, obrigado a se apoiar em outras pistas para adquirir linguagem interna, receptiva e emissiva, perde um precioso tempo quando não recebe estimulação antes dos sete anos.

* VER EM MAIOR DETALHE NA ESTRUTURAÇÃO TEÓRICA, pg.18

Esta pesquisa se propõe a montar um treinamento aos pais, para que usando o tempo da criança deficiente auditiva, antes de chegar a idade escolar, dar-lhe instrumento de trabalho com um mínimo exigível para desenvolvimento e inteligibilidade da fala, tornando o processo de aprendizagem mais efetivo.

O treinamento aos pais será dado baseado em duas concepções de currículo. A primeira na concepção do "Curriculum como Desenvolvimento de Processos Cognitivos", que vê o estudante (os pais) como elemento interativo e adaptivo em um sistema no qual, se dadas corretas ferramentas intelectuais, pode crescer quase indefinidamente. A segunda concepção em que o treinamento será calcado em "Curriculum para auto - atualização" que é centrado no estudante (os filhos que apresentem deficiência auditiva orientado para autonomia e crescimento individual e onde a educação é vista como processo de habilitação que provê os meios para liberação e desenvolvimento pessoal. (2)

Entre várias classificações para a deficiência auditiva, a autora do trabalho optou pela adotada pelo Ministério de Educação e Cultura, que é apresentada por DAVIS (1965) segundo o grau de falha sensorial. A razão de se optar por esta classificação foi por ser a mais utilizada, no momento, por educadores de surdos e também por otorrinolarinologistas que fornecem o diagnóstico às Escolas Especializadas e Centros de Reabilitação".

- " - "falha leve: entre 25 e 40 decibéis. Apresentam dificuldade apenas frente a fala de fraca intensidade;
- falha moderada: entre 40 e 55 decibéis. Apresentam, frequentemente, dificuldade frente a fala de intensidade normal;
- falha acentuada: entre 55 e 70 decibéis. Apresentam, frequentemente, dificuldade frente a fala de forte intensidade;

- falha severa: entre 70 e 90 decibéis. Podem compreender apenas, fala gritada ou amplificada eletronicamente.
- falha extrema ou profunda: acima de 90 decibéis usualmente não conseguem compreender mesmo a fala amplificada." (8)

Dependendo do grau da perda auditiva a criança terá que receber um tipo de educação diferente, uma vez que os problemas linguísticos existirão na razão direta da perda da audição. (3)

Recomenda-se para os portadores de falha leve ou moderada um apoio de escolaridade e algumas seções de terapia de linguagem para superar dificuldades na leitura e escrita ou algum problema de articulação. Já se a surdez é acentuada, severa ou extrema, necessário se faz o uso de prótese auditiva precocemente e o atendimento também precoce. (4)

Pela necessidade de atendimento precoce aos portadores de deficiência auditiva severa ou extrema e porque as escolas estaduais no Paraná só atendem as crianças na faixa da gratuidade e obrigatoriedade escolar é que a autora deste trabalho se propõe a fazer orientação a pais de crianças com menos de sete anos de idade, mais precisamente: entre quatro e sete anos e portadores de deficiência auditiva severa ou extrema.

O treinamento deverá incluir uma parte de psicomotricidade, uma de desenvolvimento da linguagem e outra de treinamento auditivo.

1.1 - PROBLEMA

Como já foi mencionado na introdução, as crianças deficientes auditivas ao entrarem na escola, aos sete anos de idade, apresentam uma defasagem em relação às crianças normais porque não dispõem de linguagem e nem receberam estimulação para desenvolvimento da mesma.

RAMOS (9) e MUZZI (5) consideram que a deficiência auditiva deve ser contornada por estimulação precoce, a fim de que adquiram melhores condições de desenvolvimento da linguagem.

Como o primeiro contacto de toda a criança é com a família, é necessário que esta esteja preparada para atuar junto à criança, no sentido de desenvolver não apenas em idade escolar, mas antes, ainda em casa, a linguagem infantil, prejudicada pela deficiência auditiva.

Assim, o problema da presente pesquisa constitui-se em proposta de treinamento aos pais para atuarem em estimulação de crianças, entre quatro e sete anos de idade, com deficiência auditiva severa ou extrema, de forma a facilitar a essas crianças prontidão para escolaridade obrigatória (sete a quatorze anos).

1.2 - HIPÓTESE DE TRABALHO

Dadas às condições do Estado do Paraná que, de acordo com os dados apresentados na introdução do trabalho (quadro à página 3) são de quase impedimento de educação antes dos sete anos, faz-se necessária uma proposta de treinamento aos pais para atuarem em estimulação de crianças com deficiência auditiva severa ou extrema, menores de sete anos de idade, de forma a facilitar a essas crianças o desenvolvimento e conseqüente aquisição da linguagem necessárias a prontidão para a escolaridade obrigatória (sete a quatorze anos).

1.3 - OBJETIVO

Propor um treinamento de pais para atuar em estimulação de crianças, entre quatro e sete anos de idade, com deficiência auditiva severa ou extrema, de forma a facilitar a essas crianças prontidão para a escolaridade.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL. Leis, decretos, etc. Lei nº 5692 de 11 de agosto de 1971. Diário Oficial. Brasília, 12 de agosto de 1971; Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.
2. EISNER, Elliot & WALLANCE, Elizabeth. Conflicting conceptions of curriculum. Bekeley, McCutchen Publishers , 1974.p.1-18 tradução de Consuelo Garcia e Louis B. Alcorta.
3. MUZZI, Mariza Cúrcio. Diagnóstico e atendimento precoce do deficiente auditivo. Departamento de Educação Especial da Secretaria de Estado da Educação do Paraná , 6.p. Mimeografadas.p.1.
4. _____. _____ p.2
5. _____. _____ p.5
6. MYKLEBUST, Helmer R. Psicologia del Sordo.Magistério Espanol, Version castellana de la 2a.edicion inglesa , 1971, p.235.
7. PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO.Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação. Proposta curricular para deficientes auditivos.Rio de Janeiro, MEC, 1979. v.1 p.10
8. _____. _____ p.10
9. RAMOS, Aidyl Pérez. Estimulação precoce. Brasília, MEC, Departamento de Documentação e Divulgação, 1973. p.9

CAPÍTULO II

SEQUÊNCIA METODOLÓGICA

2.1 ESTRUTURAÇÃO TEÓRICA

Nesta parte do trabalho serão abordadas as seções abaixo, consideradas relevantes para compreensão do tema a bordado.

2.1.1 - Concepções de Currículo

2.1.2 - Desenvolvimento da linguagem

2.1.3 - Piscomotricidade

2.1.4 - Treinamento auditivo.

2.1.1 - CONCEPÇÕES DE CURRÍCULO

A montagem do currículo de treinamento aos pais ba seia-se em Concepções de curriculum propostas por EISNER & WALLANCE.

Das concepções apresentadas pelos autores citados optou-se por duas. A primeira, "Curriculum como Desenvolvimento de Processos Cognitivos". Esta concepção visa desenvolver uma espécie de tecnologia da mente; vê o problema central de curriculum como estimulação de processos intelectuais e desenvolvimento de conjunto de habilidades cognitivas que podem ser aplicadas na aprendizagem de virtualmente, qualquer coisa.

Esta abordagem é orientada para o processo em dois sentidos:

- 1º - Identifica as metas da escolarização como provedora de repertório de habilidades cognitivas, de conteúdos independentes, aplicáveis à grande variedade de situações;
- 2º - Relaciona-se à compreensão de processos pelos quais a aprendizagem ocorre na sala de aula.

Dá-se, nesta concepção, prioridade à interação entre o estudante e o material. A educação diz respeito à aprendizagem dinâmica e como tal é aberta e orientada para o crescimento. Vê o aluno como elemento interativo e adaptativo num sistema, onde se forem dadas corretas ferramentas intelectuais, o estudante poderá crescer indefinidamente.

A segunda concepção em que o treinamento será cal cado será em "Curriculum para auto-atualização".

Esta concepção vê a função do currículo como pro vedor de experiências consumatórias e satisfatórias a cada indivíduo. Está centrada no aluno e é orientada para autono mia e crescimento de cada um; a educação é vista como proces so que provê os meios para a liberação e o desenvolvimento pessoal.

Vê a educação como um meio para ajudar o indivíduo a descobrir as coisas por si mesmo.

A escolarização é vista como experiência vital e enriquecedora por si mesma e o conteúdo é o maior enfoque de interesse. Esta concepção formula os objetivos da educação em termos de processos pessoais dinâmicos. Implica na neces sidade de quebrar ligações, para mudar, para o desenvolvimento da integridade e para a autonomia pessoal.

2.1.2 - EXPERIÊNCIAS EM LINGUAGEM PARA O DEFICIENTE AUDITIVO

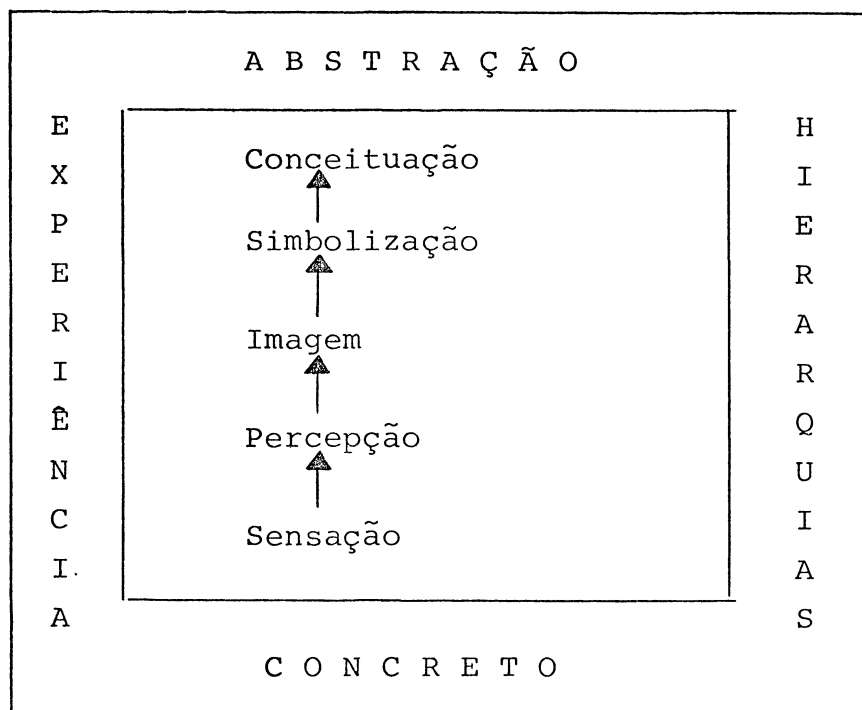
O fenômeno da linguagem tem intrigado o homem através dos séculos. A forma pela qual o homem adquiriu e desenvolveu a linguagem pela primeira vez, e o modo como o faz na atualidade tem atraído o interesse de filósofos, linguístas, psicólogos, semanticistas, neurologistas e psiquiatras. Muitas teorias têm sido apresentadas a esse respeito.

A compreensão da psicologia do desenvolvimento da linguagem tem sido amplamente aumentada pelos trabalhos de PLAGET, TEMPLY, VIGOTSKY.

Porém, especificamente no estudo do deficiente auditivo os trabalhos de Helmer Myklebust têm se destacado no que concerne ao desenvolvimento da linguagem.

Myklebust para chegar a apresentar sua teoria baseou-se em estudos daqueles que apresentam desordens de comunicação, e, em especial, no estudo daqueles que apresentam surdez desde a idade pré-linguística.

Ele concluiu, como outros autores, que a experiência constitui a base de todo comportamento linguístico. A linguagem é o instrumento, a ferramenta, o meio pelo qual a experiência é simbolizada e comunicada. Além disso, afirmou que pode-se comparar a experiência do sensorialmente privado com a experiência daqueles que têm audição normal. Categorizou logicamente as hierarquias de experiência nos níveis de sensação, percepção, imagens, simbolização e conceituação, como é mostrado esquematicamente adiante.



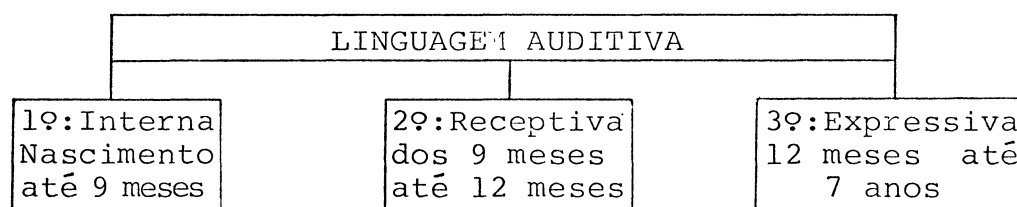
Fonte: MYKLEBUST, Helmer R. Psicologia del Sordo.
Magistério Español, S.A. Version caste-
llana de la 2a.edicion inglesa, 1971 .
p. 238.

Esta concepção enfatiza que se o nível de sensa-
ção está afetado como no caso da surdez, então todas as cate-
gorias acima deste nível estarão alteradas em algum grau. Tal
construção teórica é útil nos estudos de linguagem, patolo-
gia da linguagem e na psicologia do sensorialmente privado.

"O estudo da psicologia da surdez não indica que
a privação sensorial altere a hierarquia da experiência. A
criança surda recebe a sensação, percebe e desenvolve a ela-
boração da imagem, de simbolização e conceitos. Contudo, quan-
do a sensação auditiva está ausente ou presente apenas em
grau mínimo, a natureza de sua percepção, de formação de ima-
gens, símbolos e conceitos é alterada. Os níveis simboliza-
ção e conceitualização são mais afetados; é impedido o desen-
volvimento de certos tipos de comportamento abstrato. Presu-
mivelmente, o indivíduo com surdez profunda desde tenra ida-
de, é altamente dependente da elaboração de imagens, espe-
cialmente, imagens visuais, o que pode ser um fator predomi-
nante na restrição imposta em seu desenvolvimento psicológico, como

na concretização que resulta. A linguagem é um fator crítico na aquisição dos níveis superiores de experiência. Quando a relação entre surdez e cada um desses níveis de experiência, estiverem esclarecidas, poder-se-ã divisar novas abordagens aos problemas de aprendizagem e ajustamento. (2)

MYKLEBUST considera que o primeiro sistema verbal adquirido pelo homem era o auditivo; primeiramente, ele não aprendeu a ler ou a escrever, mas sim a compreender a emissão verbal dos outros e a falar. Há evidências de que muitos séculos de evolução foram necessários até ele ter-se tornado capaz de falar, para adquirir a capacidade para ler e escrever. Tal padrão filogenético de linguagem auditiva desenvolvendo-se antes da visual, também é vista ontogeneticamente. A criança não aprende primeiro a ler; ela aprende a compreender e a usar a palavra falada. Os estágios do desenvolvimento na aquisição da linguagem auditiva são mostrados esquematicamente na figura abaixo:



FONTE: MYKLEBUST, Helmer R. Psicologia del Sordo.
Magistério Español S.A. Version castellana de la 2a.edicion inglesa, 1971 ,
p.244.

Como esta figura ilustra, a criança primeiramente adquire experiências significativas; é a base da linguagem interna. À medida que esse processo se desenvolve, a criança pode pensar em palavras, agrupar e classificar suas experiências, pode "falar consigo mesma". Quando a linguagem interior estiver estabelecida em grau mínimo, a criança começa a compreender; então pode internalizar a palavra "mamãe" de uma forma rudimentar de acordo com a norma para este símbolo em sua cultura. O processo de relacionar as palavras que recebe auditivamente com as experiências, é a base para a linguagem receptiva. A medida que a linguagem interior aumenta, a linguagem receptiva é ampliada, e estabelecido um processo de

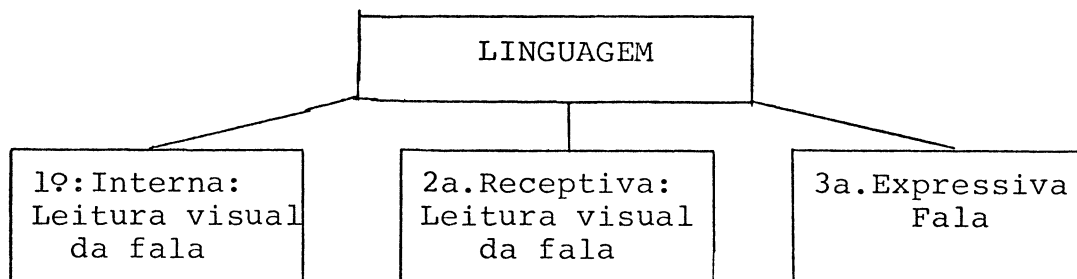
"feed-beck" recíproco. Após ter sido estabelecido um mínimo de linguagem interior e receptiva, a criança começa a utilizar expressivamente a palavra falada. A linguagem receptiva pode desenvolver-se somente depois que a linguagem interior tenha sido iniciada entretanto a linguagem expressiva pode ser efetuada somente depois que a compreensão tenha sido estabelecida. A criança fala somente após ter compreendido. Por volta dos dois anos de idade ela tem considerável facilidade em linguagem auditiva. Somente cinco anos mais tarde ela terá comparável facilidade com a linguagem de leitura.

Não se fala até que se compreenda a fala e não se escreve até que se compreenda a palavra escrita, até que se leia. Esta é a maior implicação da hierarquia do desenvolvimento das funções da linguagem humana. Este conceito é enfatizado pelo autor estudado, devido a sua importância, para a compreensão do marcante problema da linguagem, encontrado na criança surda.

A linguagem interna e a linguagem receptiva da criança normal é primeiramente auditiva. De fato ela pode ser considerada como exclusivamente auditiva, pois a forma lida é adquirida bem mais tarde.

É impossível para a criança surda ter primeiro a linguagem auditiva. Seu sistema simbólico de necessidade' pode ser visual ou tátil-cinestésico, ou provavelmente pode ser uma combinação dos dois. Contudo, deve-se primeiro analisar melhor que canais sensoriais poderiam ser usados, se se devesse dar maior ênfase às linguagens interna e receptiva, e se este treino devesse proceder o realce da linguagem expressiva. Considerar esta questão é básico para o conceito estudado.

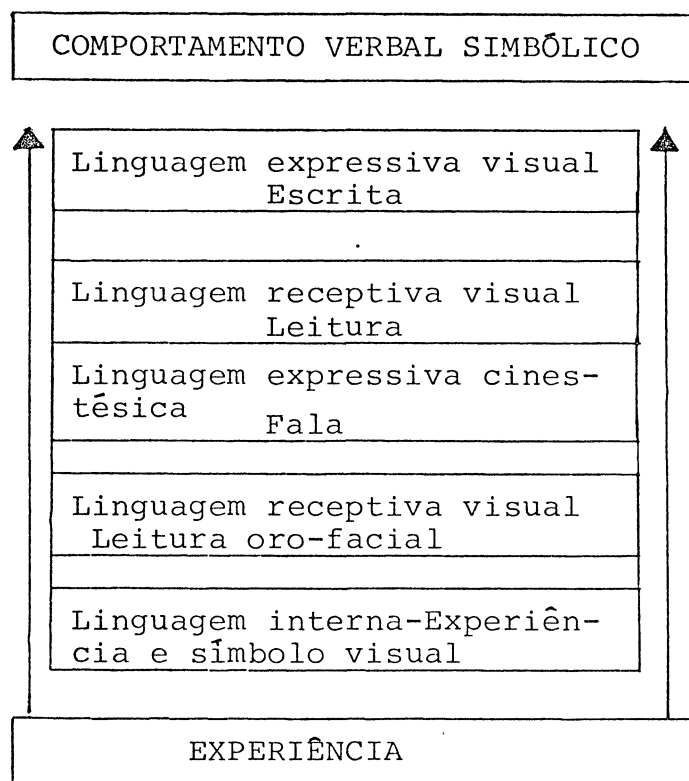
MYKLEBUST apresenta, no quadro a seguir, a sequência do desenvolvimento na aquisição da linguagem verbal pela criança:



Fonte: MYKLEBUST, Helmer R. Psicologia del Sordo.
Magistério Español, S.A, Version cas-
tellana de la 2a. edicion inglesa, 1971,
p.249.

Conforme mostra a figura, existe uma diferença fundamental entre o surdo e o ouvinte, quanto ao processo envolvido na aquisição do primeiro sistema básico de linguagem. A criança ouvinte adquire um sistema simbólico interior auditivo e receptivo, e usa o mesmo canal: audição, para auto-monitorar a sua primeira linguagem expressiva, a fala. Ao contrário, a criança, cuja linguagem expressiva também é fala, não pode auto-monitorar essa função usando o mesmo canal, mediante o qual adquire a sua linguagem interior e receptiva. Seu sistema simbólico visual, leitura oro-facial, deve ser convertido num sistema tátil-cinestésico para falar. Em outras palavras "sua linguagem falada deve ser monitorada através de um canal diferente daquele que é usado para monitorar sua linguagem receptiva." (3)

Esta necessidade de mudar ou de substituir um sistema monitor por outro parece ser exclusivo das pessoas com surdez severa ou extrema e pode ser um dos mais difíceis problemas de aprendizagem encontrados pelo homem. Por isto é que a modulação e a monitoria precisa da fala só são possíveis quando se tem audição normal. Mesmo quando a perda auditiva é moderada e quando os auxílios auditivos são altamente benéficos, a monitoria normal é difícil, quando não impossível. Para ilustrar melhor o problema de linguagem pela criança surda MYKLEBUST utiliza-se do esquema a seguir:



Fonte: MYKLEBUST, Helmer R. Psicologia del Sordo .
Magistério Español, S.A., Version cas -
tellana de la 2a.edicion inglesa, 1971,
p. 245.

Segundo este ponto de referência a criança surda assim como a criança ouvinte, primeiro deve adquirir a norma de experiência a ser simbolizada pela palavra. Deve-se dar deliberadamente maior atenção em assistir a criança surda a ganhar experiências específicas a serem associadas às palavras. "Esta é a base do treino para desenvolvimento da linguagem interna. A linguagem expressiva seria enfatizada somente depois de que um mínimo de linguagem interna e receptiva tenham sido atingidas. (4)

2.1.3 PSICOMOTRICIDADE E APRENDIZAGEM

Para Picq e Vayer existe uma correspondência muito clara entre o desenvolvimento das funções motoras e o desenvolvimento das funções psíquicas. Portanto, eles consideram psicomotricidade como a relação entre o pensamento e a ação, envolvendo também a emoção. Assim a psicomotricidade é vista como o estudo do movimento, tendo exatamente os mesmos objetivos da educação física básica, os de uma educação extensa em atividades e jogos, que evidentemente são indispensáveis a um desenvolvimento harmonioso, mas que são de outra natureza. (7)

Sem suporte psicomotor, o pensamento não poderá ter acesso aos símbolos e à abstração. É essencial às diferentes aprendizagens na Escola, principalmente à aprendizagem da leitura e da escrita, que a criança tenha um desenvolvimento psicomotor harmonioso; a motricidade apresenta-se como reação global, onde os fenômenos motores e psicológicos se entrelaçam, diz NASCIMENTO. (6)

Não se pode pensar no trabalho em desenvolvimento da linguagem sem se pensar em psicomotricidade, pois a linguagem é consequência de um amadurecimento das funções motoras. O desenvolvimento físico, mental, emocional e adaptação social dependem, em grande parte, das possibilidades que o indivíduo adquire de mover-se com propriedade e de descobrir - se bem como de descobrir o mundo que o cerca. Uma criança sem problemas consegue tudo isto espontaneamente, o mesmo não acontecendo com outra que apresente deficiências sensoriais. Desta forma, a reeducação é indispensável. Quanto mais precoce for a ação educativa neste sentido, maiores possibilidades de recuperação terá a criança. O atendimento em tempo oportuno habilita a aprendizagem sistemática e dá recursos a uma

adaptação ao meio. Daí a necessidade do treinamento aos pais para trabalharem precocemente com seus filhos portadores de deficiência auditiva.

2.1.4 TREINAMENTO AUDITIVO

Qualquer abordagem multisensorial parte da utilização máxima dos resíduos auditivos, através de treinamento auditivo, com um sistema de amplificação sonora. Porém, mesmo no caso de não haver possibilidade de amplificação sonora, o treinamento auditivo não deve ser descuidado, pois a primeira pista para a linguagem é sempre a auditiva e qualquer resíduo de audição que a criança possua, só poderá utilizá-lo se for estimulado.

Com a utilização de aparelho de amplificação a criança passará a ouvir sons que antes permaneciam abaixo do seu limiar auditivo, ou não eram utilizados por serem muito fracos. Ela terá que aprender a ouvir esses sons, atribuir-lhes significados e retê-los na memória.

Para SANDERS "treinamento auditivo é um procedimento sistemático designado para aumentar a quantidade de informações que a audição de uma pessoa contribui para sua percepção total." (1)

O mesmo autor da definição acima, afirma que o sucesso do treinamento auditivo só pode ser medido em termos de percepção total, pois discriminação vocal somente pela audição pode ser possível atingir.

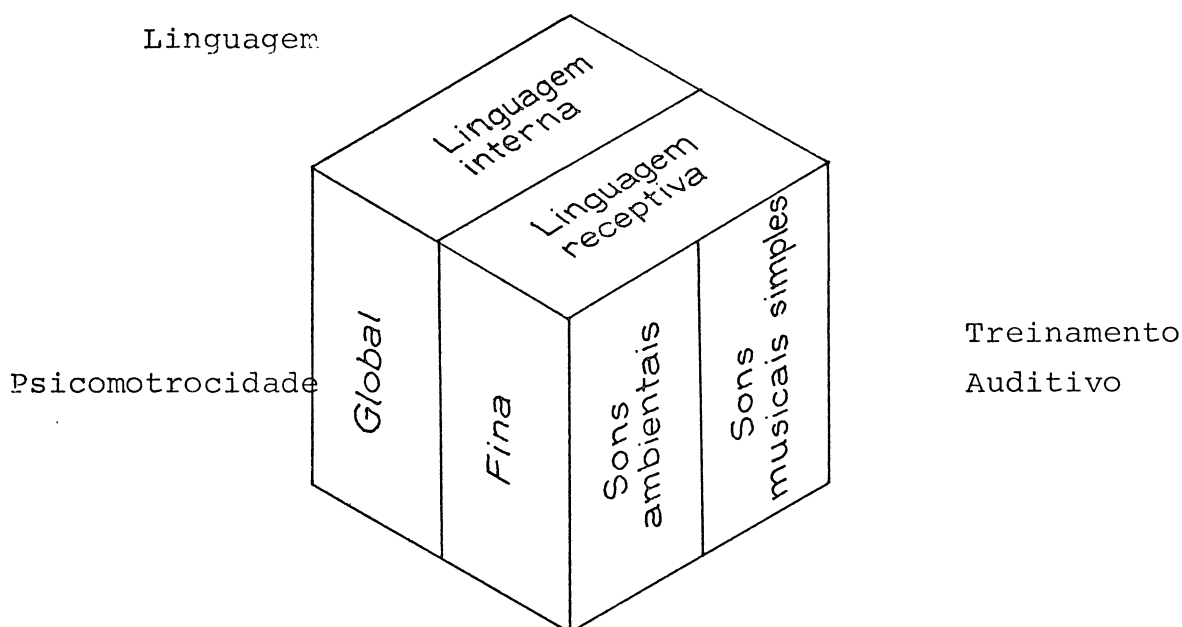
O treinamento auditivo já foi muito descuidado no ensino da fala ao deficiente da audição, porém as experiências atuais têm provado os benefícios que ele trás quando presente em um programa de educação e é por isso que deve ser uma atividade constante na vida de uma criança surda para que ela possa melhor compreender os sons e ruídos que sua audição lhe

permite escutar, para que possa ter melhor compreensão da linguagem falada por outros, melhor fala, em termos de qualidade vocal, articulação e ritmo e melhor ajustamento social e emocional, através de ligação direta, embora tênue; com outras pessoas e o mundo em geral, como pretende T.J.WATSON.

2.2 - MODELO DE TREINAMENTO AOS PAIS

O preparo e estimulação da criança deficiente auditiva visando dar-lhe prontidão para a escolaridade regular precisa orientar-se segundo três direções: linguagem interna e receptiva, psicomotricidade e treinamento auditivo, pois são estes os pontos fundamentais em que se apoia o desenvolvimento da linguagem de uma pessoa, seja ela deficiente sensorial ou não.

A figura nº 1, a seguir, apresenta esta tríplice orientação.



Indiretamente, se farão notar as concepções de currículo adotadas, pois a abordagem de treinamento aos pais deverá ser fundamentada no desenvolvimento de processos cognitivos de maneira a facilitar seu trabalho com o deficiente auditivo.

Sendo os pais, por hipótese: leigos, devem receber instruções para treinar habilidades consideradas básicas à reabilitação da fala. Ao treinarem seus filhos, por sua vez, deverão neles estimular a realização, através de exercícios e técnicas apropriados, utilizando-se desta forma da concepção de currículo para auto-atualização, explorando experiências consideradas fundamentais para a criança, que irão relacionar-se e integrar-se às suas necessidades individuais.

Para o trabalho em linguagem oral, a criação de uma atmosfera de comunicação agradável é o primeiro passo. Os pais deverão preocupar-se com a recepção oral de seus filhos, desenvolvendo conceitos verbais não com o objetivo de que a criança chegue logo a emití-los corretamente, mas de alcançar um nível de compreensão dentro de situações ricas de significado. De nada vale uma criança emitir sons, mecanicamente; o importante é adquirir compreensão da linguagem; daí a escolha da abordagem do trabalho de MYKLEBUST, tratada no início do capítulo. As atividades a serem sugeridas no trabalho dos pais com as crianças deverão, pois, partir sempre de experiências reais para que elas possam ligá-las mais facilmente às palavras. O trabalho em linguagem a ser feito pelos pais compreenderá, principalmente, dois passos:

- a) linguagem interna - compreensão interior do que representam os objetos. Embora ainda não entenda a palavra falada, a criança entende quem são as pessoas e para que servem alguns objetos.
- b) linguagem receptiva - quando a criança entende o que significam as palavras, embora não saiba falar." (5)

Com relação a psicomotricidade, e foi por esta parte da pesquisa que se determinou o treinamento para a faixa etária citada, pois o trabalho de zero a quatro anos precisa ser muito mais amplo e exige uma maior preparação dos

pais, cujo nível, neste treinamento, pode não ser acadêmico. A posteriori, poderá esta pesquisa ser ampliada à faixa de zero a quatro anos.

A partir dos quatro anos, já os pais poderão participar das atividades recreativas com os filhos e oportunizar séries de jogos e exercícios indicados na Proposta Curricular, próximo capítulo deste trabalho.

Finalmente, o treinamento auditivo de preferência será com utilização de amplificação sonora, indicada por um otorrino, após exames clínicos e audiometria. Deverá ter a assistência dos pais durante todas as horas do dia, mesmo naquelas em que a prótese não esteja sendo utilizada.

Os pais deverão estar bem cientes de que com a prótese a criança não passará a ouvir, após um pequeno treinamento, idéia errada que alguns têm. Eles deverão ser esclarecidos no sentido de aceitarem objetivos realistas e darem início à educação especial, através de um treinamento no próprio lar, bem como dar continuidade em casa, de trabalho a ser, posteriormente, realizado na escola.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CERVELLINI, Nadir da Glória Haguiara. Treinamento auditivo
In Proposta curricular para deficientes auditivos. Rio
de Janeiro, MEC, 1979.v.1 p.69.
2. MYKLEBUST, Helmer R. Psicologia del Sordo. Magisterio Es
pañol, S.A., Version castellana de la 2a.edicion ingle-
sa, 1971. p. 235.
3. _____. _____.p. 249
4. _____. _____.p. 245
5. _____. _____.p. 246
6. NASCIMENTO, Lúcia Schueler & MACHADO, Maria Terezinha de
Carvalho. Psicomotricidade e aprendizagem. Rio de Ja
neiro, Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 1976 .
p.14-15.
7. PICQ, Louis & VAYER, Pierre. Educacion psicomotriz y re -
traso mental. Barcelona, Científico-médica, 1977.p.7.

CAPÍTULO III

PROPOSTA CURRICULAR PARA TREINAMENTO DE PAIS
DE CRIANÇAS DEFICIENTES DA AUDIÇÃO (SEVERA
OU EXTREMA) ENTRE QUATRO E SETE ANOS

Baseada no estudo dos autores citados na estruturação teórica e no modelo proposto nesta pesquisa, na experiência da autora deste trabalho em educação de crianças deficientes auditivas e em estudos feitos tanto no Curso para Supervisores de Escolas para Deficientes da Audição, patrocinado pelo Centro Nacional de Educação Especial, realizado na Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (órgão elaborador da Proposta Curricular para Deficientes Auditivos em execução no Brasil) como no Curso de Pós-Graduação em Educação, Concentração em Currículo da Universidade Federal do Paraná, é que se selecionaram objetivos, passos teóricos e materiais para serem trabalhados por pais de crianças deficientes da audição.

Os passos teóricos estão apresentados numa seqüência lógica útil para montagem do currículo, mas que deverá ser trabalhada de forma a facilitar aos pais o trabalho com seus filhos.

Não especificação de idade para cada objetivo (excetuando-se alguns a serem trabalhados na parte de psicometricidade). A criança que não puder iniciar o treinamento exatamente aos quatro anos fa-lo-á mais tarde; porém quanto antes, melhor.

O treinamento aos pais estará direcionado aos filhos de forma que eles, por imitação, tendo recebido o treinamento, possam transmitir aos filhos.

3.1 LINGUAGEM

A criança irá adquirir linguagem interior e, simultaneamente, irá exercitando os órgãos fonoarticulatórios, preparando-se para o uso posterior da fala, uma vez que o trabalho em fala requer um treinamento em sensibilidade, tonicidade e mobilidade dos órgãos fonoarticulatórios. A criança só conseguirá, posteriormente, a emissão dos fonemas de forma correta se desenvolver, anteriormente, a percepção de como são e como agem os referidos órgãos, ou seja, o palato, a língua, os lábios, os alvéolos, os dentes, as bochechas, a mandíbula, o maxilar, as cordas vocais, enfim, aqueles órgãos que de forma ativa ou passiva, participam da emissão dos fonemas.

OBJETIVOS	PASSOS TEÓRICOS	MATERIAIS
<p>- adquirir uma atitude geral de relaxamento</p>	<p>Relaxamento.</p> <p>Os pais deverão mostrar modelos de tensão e distensão para que a criança perceba a situação de relaxamento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - esticar as pernas, soltá-las. - esticar os braços, soltá-los. - fechar as mãos com força; relaxar, a seguir. - esticar bem o pescoço; voltar ao natural. - franzir a testa; voltar ao natural. - fechar os olhos, apertando-os bem; voltar ao natural. 	Esteira
<p>- adquirir o hábito de respirar corretamente (Respiração diafragmática com inspiração nasal e expiração bucal).</p>	<p>Depois de mostrado o modelo pelo pai ou mãe, a criança imita.</p> <p>Com as mãos na região do diafragma os pais mostram que ela se expande e se retrai; a seguir a criança coloca as mãos nos pais para sentir os movimentos e depois nela mesma. A sequência dos exercícios para colocação correta da respiração deve seguir diretamente as posições:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1º deitado 2º sentado 3º em pé. 	Relógio para contagem de segundos
	<p>Depois de colocada a respiração (este é um trabalho que leva meses) deverão os pais procurar conseguir nas crianças o aumento da capacidade res-</p>	

OBJETIVOS

PASSOS TEÓRICOS

MATERIAIS

- adquirir condições satisfatórias de sensibilidade dos órgãos fonoarticulatórios

piratôria. Para isto inspira-se, retém-se a respiração e expira contando o tempo no relógio.

Aos poucos a expiração de verá alcançar maior tempo que a inspiração, pois no ato da fala exige-se que a inspiração seja feita em menor tempo

Exercícios de palato:

- gargarejar com água;
- gargarejar sem água;
- imitar um palhaço dando gargalhada;
- imitar o sino: dim-dom.

Exercícios de língua:

- imitar uma pessoa chupando sorvete ou pirulito;
- estalar a língua.
- movimentar a língua para baixo e para cima; para os lados.
- imitar figuras com diferentes posições da língua.

Exercícios de mandíbula: durante as refeições observar e ensinar que a criança mastigue de boca fechada.

- abrir a boca lentamente e fechá-la com rapidez; depois ao contrário.

Exercícios com lábios:

Fazer brincadeiras com as crianças imitando voz dos animais que vêm: au-au, miau; mu; piu-piu.

Soprar velas, fazer bico com os lábios.

Imitar o barulho do carro (vibração)

Copo, água, figura de um palhaço

Palito de sorvete; figuras com diferentes posições de língua.

Animais de pano

OBJETIVOS	PASSOS TEÓRICOS	MATERIAIS
<ul style="list-style-type: none"> - Adquirir linguagem interior. - Receber os vocabulos referentes à: <ul style="list-style-type: none"> - nome de pessoas da casa e o seu próprio. - esquema corporal. - objetos de higiene. - vestuário. - brinquedos - alimentos. 	<p>Segurar palito entre os lábios, evitando que os pais tirem.</p> <p>Exercícios com bochecha:</p> <p>Encher a boca de ar e opor resistência dos lábios nas mãos, encher a boca de ar de um lado para outro, soprar, evitando que as bochechas se inflam; chupar as bochechas.</p> <p>Os pais deverão mostrar cada objeto ou pessoa e falar bem de frente à criança; conversando pacientemente.</p> <p>Exemplo:</p> <p>-- Olha o papai. Este é o papai O nome do papai é....</p> <p>Assim a criança vai adquirindo a compreensão da linguagem. Os pais devem sempre aproveitar para conversar com naturalidade, e explorar as situações; perguntando: "onde está o papai?"</p> <p>- Onde é o banheiro? " - Quer tomate?"</p> <p>A criança mostra ou responde afirmativamente ou negativamente com a cabeça, demonstrando sua compreensão</p> <p>Os pais vão dando o modelo linguístico para a criança, utilizando frases simples; aos poucos a criança vai percebendo elementos da frase chegando a compreensão delas.</p> <p>São exemplos para o trabalho dos pais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Abra a porta. - Vista o casaco. - Calce o sapato. - Traga minha bolsa. - Pegue o garfo. 	<p>Objetos reais; fichas com figuras, calendário.</p>
<ul style="list-style-type: none"> - Receber ordens simples e executá-las 	<p>São exemplos para o trabalho dos pais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Abra a porta. - Vista o casaco. - Calce o sapato. - Traga minha bolsa. - Pegue o garfo. 	<p>Materiais de uso diário</p>

3.2 PSICOMOTRICIDADE

O deficiente auditivo é capaz de realizar as mesmas atividades que a criança ouvinte e com a mesma perfeição de movimentos. Mas no início do trabalho, encontra maiores dificuldades na realização de movimentos, pois entre os deficientes da audição é mais comum aparecerem problemas de equilíbrio.

O trabalho em psicomotricidade é de suma importância porque toda ação humana é a utilização do corpo, no mundo que o rodeia, no espaço e no tempo, isto é, toda ação humana é psicomotricidade. Por isso é que os pais deverão abraçar a educação e a reeducação psicomotora, entendendo-se por reeducação psicomotora a tomada de consciência de si, uma reestruturação, uma reintegração social com o mesmo denominador corporal. Assim o trabalho proposto nesta pesquisa envolve:

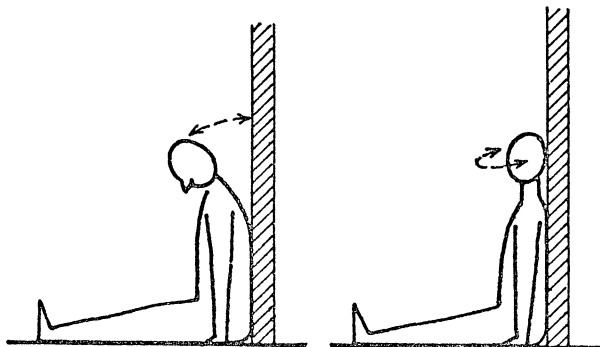
- 1 - a psicomotricidade global, abrangendo o esquema corporal, orientação espacial e orientação temporal.

Dentro do esquema corporal será trabalhado o equilíbrio e coordenações.

- 2 - a psicomotricidade fina, abrangendo a dinâmica manual que trás implícita a coordenação visomotora.

O trabalho proposto visa facilitar a integração do deficiente auditivo ao meio, a futura impositação dos fonemas e a aprendizagem futura da leitura e escrita.

OBJETIVOS	PASSOS TEÓRICOS	MATERIAIS
<p>- Adquirir conhecimento e consciência do esquema corporal.</p> <p>- Adquirir conhecimento e consciência da cabeça.</p>	<p>Frente ao espelho os pais deverão tocar as diferentes partes do corpo: cabeça, peito, braços, pernas etc; a seguir, a criança repete o mesmo.</p> <p>- diferenciar as partes: mão e braço - peito e barriga - perna e pé; primeiro os pais verbalizando e depois a criança repete o que os pais fizeram.</p> <p>- indicar em outra pessoa as diferentes partes que o pai ou a mãe verbalizam</p> <p>- Na posição supina, elevar a cabeça, tentando olhar os pés.</p> <p>- Em decúbito dorsal, com os braços no chão, virar a cabeça de um lado e depois de outro.</p> <p>- Sentado no chão, com as costas apoiadas na parede, inclinar a cabeça para frente, voltando à posição inicial; depois virar para um lado, depois para o outro, voltando à posição inicial.</p>	Espelho

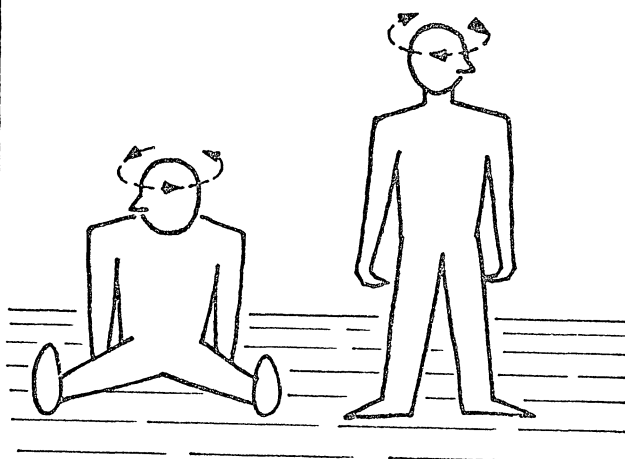


OBJETIVOS

PASSOS TEÓRICOS

MATERIAIS

- Em pé olhar para cima, logo a seguir, para baixo, depois para um lado e para outro. Em cada movimento de cabeça voltar à posição inicial, mantendo a verticalidade do corpo.
- Ficar com as costas apoiadas no encosto de uma cadeira, braços soltos sobre os joelhos, sem que as mãos se toquem. Inclinar a cabeça sobre o peito, expirando; levantar a cabeça, inspirando.
- Tombar a cabeça para a frente e para trás, entreabrindo as maxilas para não esticar os músculos do pescoço no momento da descontração para trás.
- Deixar a cabeça cair para a direita, para a esquerda e recolocá-la na posição inicial.
- Nas posições, sentada e em pé, executar movimentos circulares com a cabeça.



OBJETIVOS

- Adquirir conhecimento e consciência das partes do rosto
- Adquirir conhecimento e consciência do pescoço e do tronco.
- Adquirir conhecimento dos membros superiores.

PASSOS TEÓRICOS

- De pé, em frente ao espelho tocar as diferentes partes do rosto que os pais irão verbalizando.
- De pé, em frente ao espelho, tocar o pescoço com as mãos, mudando a posição das mãos, verbalizando, os pais as partes que forem sendo tocadas.
- Cobrir o contorno no espelho, com lápis demográfico.
 - De pé, em frente ao espelho tocar com as mãos os ombros, braços e mãos.
 - Realizar o mesmo exercício sem o espelho, tocando as partes do corpo
 - De olhos fechados, tocar os ombros, braços e mãos.
 - Executar os mesmos exercícios nas posições sentada e deitada.
 - Depois que a criança executar este exercício, realizá-lo no corpo do pai ou da mãe.
 - Na posição vertical, e levar os dois ombros e deixar caírem naturalmente.
- Depois com um ombro a seguir com o outro.
- Executar o exercício acima, porém, nas posições deitada e sentada.
 - Em decúbito dorsal, mexer livremente com os braços, deixando-os arrastar no chão. Depois com um braço e a seguir com o outro.
 - Executar os exercícios acima e nas posições sentada e em pé.

MATERIAIS

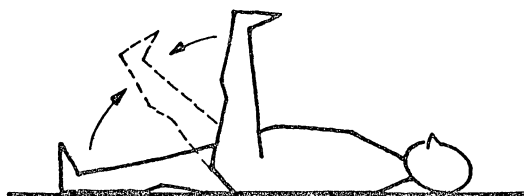
- Espelho
- Espelho
- Lápis demográfico
- Espelho

OBJETIVOS

PASSOS TEÓRICOS

MATERIAIS

- Adquirir conhecimento dos membros inferiores.
- De pé, balançar os braços, executando movimentos de pêndulo do relógio. Depois com um braço e com o outro.
- De pé executar movimentos circulares com os braços. Depois com um e a seguir separadamente.
 - De pé, estender os braços para trás, o máximo que puder, voltando à posição inicial. Depois com um e outro braço.
 - Deitado, movimentar os braços seguindo ordens:
 - . para cima
 - . para trás
 - . para baixo.
 - Na posição deitada, e levar as pernas na vertical e deixá-las cair. Inicialmente com o auxílio do pai ou mãe, se necessário.
 - Deitado, elevar uma perna até a vertical e abaixá-la; depois executar o exercício com a outra perna, e a seguir com as duas.



OBJETIVOS

PASSOS TEÓRICOS

MATERIAIS

- Explorar o esquema corporal

- Em frente ao espelho os pais tateiam a coxa, joelho, perna e pé da criança, verbalizando todas essas partes.

Depois a criança executa o mesmo exercício, ela própria, tateando as partes do seu corpo e os pais vão verbalizando.

- Executar o mesmo exercício, mostrando no corpo dos pais.

- Deitado, flexionar as pernas, movimenta-las para um lado e para outro, voltando a posição inicial (pernas na horizontal).

- Em decúbito dorsal, executar o movimento de bicicleta com as pernas.

- Em decúbito ventral, com os braços ao longo do corpo, pousados no chão, executar movimentos alternados com as pernas fletidas.

- Deslizar sobre as costas os dois pés apoiados contra a parede, empurrar com os pés o mais forte possível.

- Deitado de costas, pernas flexionadas, deslizar sobre as costas estendendo e flexionando sucessivamente as pernas.

- Sentado, pernas flexionadas, deslizar sobre as nádegas empurrando com os pés no chão manter o

OBJETIVOS

PASSOS TEÓRICOS

MATERIAIS

- tronco reto e apoiar as mãos atrás.
- Em decúbito ventral, mãos dos lados do rosto, deslizar sobre o ventre empurrando com as mãos.
 - Sentado, pernas estendidas, mãos apoiadas no chão e dos lados, deslizar para trás, empurrando com as mãos e sem utilizar as pernas.
 - Deitado de costas, fazer com que o corpo role e fique em decúbito ventral.
- Desvirar várias vezes.
- Ficar de joelhos; andar com eles.
 - De gatinhas, marchar sem fazer ruídos.
 - De gatinhas: marchar com passos largos e passos curtos.
- Conscientizar a criança de seu corpo.
- Ereto sobre os joelhos: andar sem fazer ruído.
 - Andar sobre os joelhos com passos curtos e com passos largos.
 - Como cachorrinho que vai em todas as direções: para frente, para trás, para um lado, para outro.
 - De gatinhas: o coelho salta uma porção de vezes.
 - Sentado, pernas estendidas: a barca que desliza em todas as direções. Desliza para trás, desliza para frente e isto apoiando as mãos no chão as pernas livres.
 - Sentado, pernas estendidas: a barca desliza com um som o...o...oooo..
 - Deitado em decúbito ventral, mãos junto ao rosto apoiadas no chão. Em

OBJETIVOS

PASSOS TEÓRICOS

MATERIAIS

- Movimentar-se com equilíbrio

- purrar com os braços para levantar o tronco e ir baixando lentamente até voltar a mesma posição.
- De joelhos, sentado sobre os calcanhares, mãos ao lado dos joelhos. Andar com as mãos sem mover os joelhos deitar-se em decúbito ventral. Voltar a posição anterior.
 - Deitado sobre as costas, fazer como se fosse um bastão que rola, braços para trás.
 - Andar livremente, pela sala, na ponta dos pés.
 - Apoiar uma das mãos numa barra e elevar uma das pernas, até formar um ângulo reto com a coxa.
 - Depois manter a mesma posição acima, elevando a outra perna.
 - Equilibrar-se sobre um pé flexionando o tronco.
 - Caminhar sobre uma prancha
 - . Caminhar lentamente e parar a um sinal dado.
 - . marchar com as mãos nas costas.
 - . marchar lentamente, flexionando os joelhos e estendendo as pernas.
 - . marchar nas pontas dos pés.
 - Equilibrar-se sobre um pé flexionando o tronco.
 - Marchar lentamente, flexionando os joelhos e estendendo as pernas.
 - Deitar-se de lado, com as pernas fletidas, passando para decúbito dorsal, virar-se para outro lado, voltando para decúbito dorsal.

Barra ou um móvel que sirva de barra

Prancha

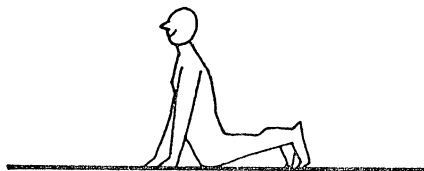
Figuras esquemáticas dos movimentos.

OBJETIVOS

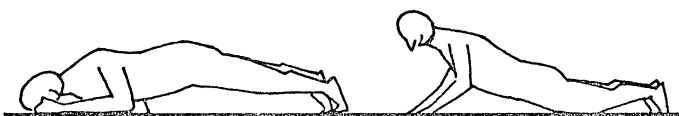
PASSOS TEÓRICOS

MATERIAIS

- Deitar-se de lado, com as pernas fletidas, passando para decúbito ventral; virar-se para o outro lado voltando para decúbito ventral.
- Deitado, flexionar as pernas, virando-se para um lado e para outro.
- Deitado, passar para decúbito ventral, voltando à posição inicial.
- Sentar-se, deitar-se em seguida, virando para um lado e para outro.
- Deitado, virar-se de lado sob a cabeça, apoiando a outra mão no chão.
- De joelhos, fletir o tronco para a frente, apoiando as mãos no chão. Ir estendendo os braços para a frente e as pernas para trás, ficando na posição de decúbito ventral, retornar a posição inicial.



- Em decúbito ventral, mãos ao lado da cabeça, elevar o tronco, apoiando as mãos no chão.



OBJETIVOS

PASSOS TEÓRICOS

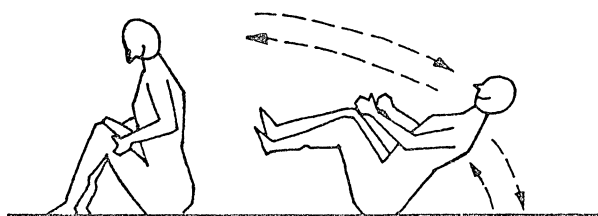
MATERIAIS

- De joelhos, fletir o tronco para a frente apoiando as mãos e a cabeça no chão.

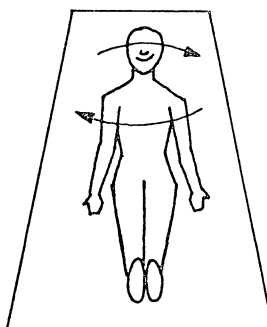
Ficar de joelhos, mantendo o corpo e a cabeça retos, braços ao longo do corpo.

- Sentado, fletir as pernas, segurando com as mãos.

Deitar-se, sem soltar as pernas, retornando a posição inicial.



Deitado, em decúbito dorsal, virar-se para um lado e para outro várias vezes.



- Sentar, flexionar as pernas, mãos no chão, impulsionando o corpo para a frente com os pés (arrastar).
- Em decúbito ventral, arrastar-se no chão, impulsionando o corpo com o braço e a perna do mesmo lado do corpo.
- Sentado, pernas estendidas arrastar-se com o apoio das mãos.
- Deitar, apoiar os pés na parede e ir deslizando sobre as costas.
- Rolar livremente, no chão.

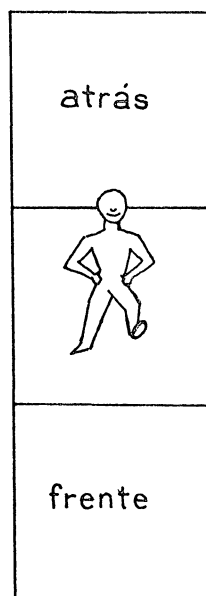
OBJETIVOS

PASSOS TEÓRICOS

MATERIAIS

- Deitar, flexionar as pernas e arrastar-se no chão, impulsionando com as pernas quando for deslocar o corpo.
- Andar de joelhos, mantendo o tronco e a cabeça retos.
- Andar de joelhos, para a frente e para trás.
- Fazer andar de urso (padrão homogêneo).
- Engatinhar livremente (padrão cruzado).
- Engatinhar lenta e aceleradamente.
- Engatinhar para a frente e para trás.
- Andar com os membros inferiores e superiores, em extensão, com o apoio de pés e mãos no chão.
- Adquirir coordenação e controle de des-locamentos.
- Em decúbito dorsal, fazer a bicicleta. Deslizar sobre as costas empurrando ora com um pé ora com outro..
- Sentado: pernas estendidas. Marchar sobre as nádegas. Deslizam com os braços cruzados e pernas estendidas.
- Sentado, pernas cruzadas : mesmo exercício anterior.
- Deitado sobre o ventre:
Marchar com os cotovelos. Deslizar apoiando-se sobre os cotovelos e antebraços.
- Posição quadrúpede sobre mãos e pés, joelhos semi - flexionados: o sapo pula , sucessivamente com as mãos e pés. Depois pula com pulos pequenos e grandes.
- De gatinhas. Deslizar o braço e a perna do mesmo lado.
- Posição quadrúpede sobre mãos e pés, pernas estica - das: Deslizar com o braço e a perna do mesmo lado.

OBJETIVOS	PASSOS TEÓRICOS	MATERIAIS
- Adquirir percepção do espaço	<ul style="list-style-type: none"> - Sentado, pernas flexionadas: a balança. Mãos nos joelhos, balançar para trás e voltar e sentar. - Marchar para frente e para trás. - Marchar sobre linhas retas. - Marchar sobre linhas sinuosas e linhas quebradas. - De pé sobre um taco de madeira saltar para a direita. - Saltar para a esquerda. - Saltar para trás. - Saltar para frente. - Jogar a bola para o pai ou a mãe de uma pequena distância. - Jogar a bola para o pai ou a mãe de uma distância maior - Jogar a bola num alvo no meio em cima - embaixo de um lado - do outro. 	Tacos de madeira
- Adquirir noção de intervalo	- Fazer a criança andar entre tacos de madeira colocados em intervalos estreitos e largos.	Espaço e giz
- Adquirir noção de dentro fora, atrás e frente	<ul style="list-style-type: none"> - Traçar no chão um círculo com giz e fazer a criança saltar dentro e depois fora. - Traçar no chão uma "amarelina" com quadrados 	



OBJETIVOS	PASSOS TEÓRICOS	MATERIAIS
- Desenvolver a orientação temporal.	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer a criança vivenciar o espaço de um círculo grande desenhado no chão: andando dentre e sobre ele, normalmente; depois, nas pontas dos pés. - Fazer a criança andar para trás, entre dois bastões. - Fazê-la saltar por cima dos bastões. - Marcar no chão linhas retas, curvas, sinuosas, quebradas e espirais e fazer com que a criança ande sobre elas. <p>OBSERVAÇÃO: trabalhar uma linha de cada vez; poderá ser vivenciado o movimento com os membros superiores em gestos imitativos das mesmas linhas no ar.</p>	Bastões
- Adquirir coordenação visomotora.	<ul style="list-style-type: none"> - Marchar usando diferentes velocidades. - Distinguir as partes do dia: manhã, tarde e noite. - Bater palmas acompanhando um ritmo (imitando os pais) . - Bater clavas, acompanhando ritmos dados pelos pais. - Reconhecer num grupo de pessoas a mais velha e a mais nova. - Bater com a mão, na mesa, imitando batidas feitas pelos pais. - Rolar bolas no chão com várias velocidades. - Acompanhar com os olhos um objeto que se desloca no espaço. Ex.: luz de uma lanterna (devagar, depois rapidamente). - Acompanhar com os olhos, um objeto que se desloca em todas as direções: para a direita, para cima, para a esquerda, para baixo. 	Instrumentos de percussão (chocalho clavas, etc)
		Lanterna

OBJETIVOS

PASSOS TEÓRICOS

MATERIAIS

- Educar as mãos

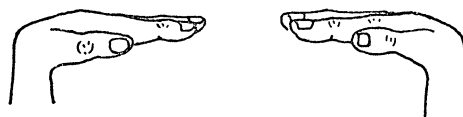
- Acompanhar a trajetória de um objeto, sem mexer a cabeça (os pais fazem o movimento).
- Acompanhar um objeto que se desloca em círculos.
- Enfiar contas .
- Usar um carrinho de plástico para percorrer certo trajeto desenhado.
- Acompanhar os movimentos de um balão de ar vermelho.
- Bater no balão.
- Sentado no chão, balançar as mãos. Parar para olhá-las; os pais verbalizam:
"Suas mãos estão se mexendo"
- Apertar as mãos e abri-las
- Apertar uma das mãos, conservando a outra aberta.
- Apertar uma bola de borracha, soltá-la, deixando - a cair.
- Deitado, bater livremente as mãos no chão. Depois as mãos separadamente. Depois realizar o mesmo sentada.
- Apanhar pequenos objetos colocados sobre a mesa, usando a palma das mãos.
- Colocar as mãos, na horizontal, com flexão perpendiculares ao antebraço.

Contas de madeira ou plástico

Carrinho de plástico

Bola de borracha

Objetos variados



- Fazer a extensão das mãos.



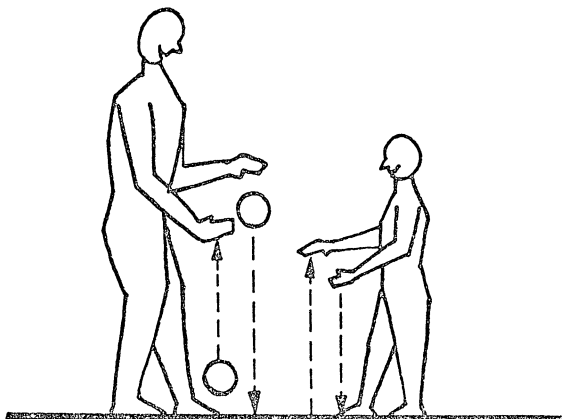
- Combinar, as posições, fazendo com cada mão, posição diferente e, a seguir invertê-las.

OBJETIVOS

- Associar as mãos à vista.

PASSOS TEÓRICOS

- Pegar bola sem objetivo de finido.
- Os pais quicam a bola no chão e a criança deve tocá-la quando a mesma passar em frente aos seus olhos.
- Imitar com o movimento da mão o pular da bola jogada pelos pais.



MATERIAIS

Bola

- Sem sair do lugar, jogar a bola no chão e receber com as duas mãos.
- Jogar a bola para cima e recebê-la com as duas mãos
- Receber a bola com os dois braços esticados para a frente.
- Receber a bola com os braços esticados para cima.
- Jogar a bola na parede e recebê-la de volta, com as duas mãos (no início a criança deve colocar-se bem próxima à parede e depois ir-se afastando).
- Recolher objetos do chão.

OBSERVAÇÃO: Os exercícios que seguem devem ser feitos por crianças com 5 anos de idade.

Picado

- 1) Preensão correta do punção.
- 2) Exercícios de flexão do pulso segurando o punção.

Um punção, uma almofada de espuma de 15 x 25, forrada

OBJETIVOS

PASSOS TEÓRICOS

MATERIAIS

- 3) Picado espontâneo sobre papel (sem demarcação de limites).
Tam.da folha 15cm x 13cm.
- 4) Picado com limite superior
- 5) Picado com limite inferior
- 6) Picado com limite do lado
- 7) Picado com limite em ambos os lados
- 8) Picado dentro de um quadrado
- 9) Picado dentro de um círculo.
- 10) Picado dentro de um retângulo.
- 11) Picado entre duas linhas cada vez menores.

de eucatex ou madeira fina

- cartolina

MOSAICO

- 1) Exercitação livre de recorte a dedo em tiras.
- 2) Exercícios de colagem, sendo utilizados primeiramente a colagem de pedaços grandes e aos poucos ir graduando o tamanho no sentido decrescente até chegar a colar papeizinhos e ir marcando o local onde deve ser colado o papel.
- 3) Exercícios de cortar sem material algum.
- 4) Manejo da tesoura.
- 5) Cortar franjas em cartolina.

Papel para rasgar: folhas de revista, jornal, dobradura.

Tesouras.

Iniciação do desenho

- 1) Desenho livre inicialmente
Pintura a dedo e com pincel grosso.

Lápis (Gizão)

Modelagem

- 1) Modelar formas redondas.
- 2) Modelar formas quadrangulares

Massa plástica-massa caseira

OBJETIVOS

PASSOS TEÓRICOS

MATERIAIS

Enfiar contas

- 1) Sem agulha, com fio plástico.
- 2) Com agulha e fio.

Fio plástico

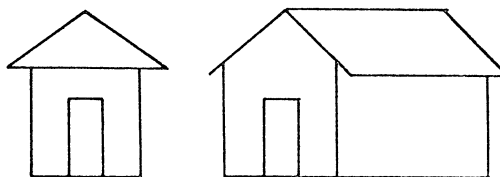
Agulha e fio.

A seguir, exercícios para a criança com seis anos de idade:

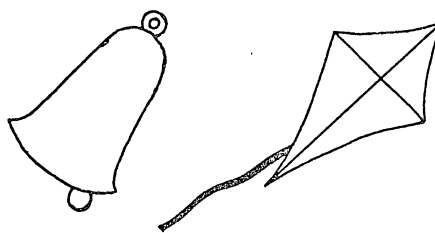
Picado:

- 1) Picado sobre contorno de figuras geométricas: quadrado e triângulo.
- 2) Picado de círculos de tamanhos diferentes.
- 3) Picado sobre contornos retilíneos:

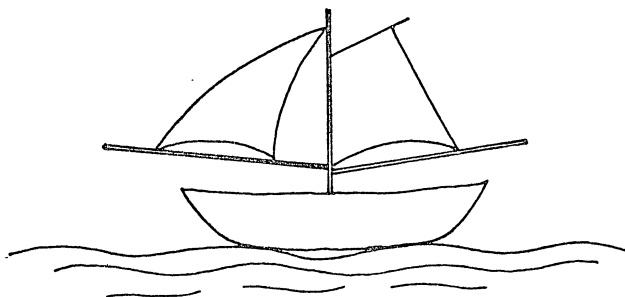
Folhas com contorno de figuras geométricas



- 4) Picado sobre figuras de contornos curvos:



- 5) Combinações de retas e curvas:

Mosaico:

- 1) Colar papel com limite superior marcado; p.ex. cobrir a parte inferior de uma cena que contenha elementos simples.

Papel com desenhos e papel para colagem

OBJETIVOS

PASSOS TEÓRICOS

MATERIAIS

2) Colar papel com limite inferior marcado.

3) Rasgar formas desenhadas.

Recorte com tesoura

1) Recortar franjas.

2) Recortar tiras.

3) Recortar formas retilíneas.

4) Recortar formas geométricas em tamanhos decrescentes em papel e plástico fino.

Desenho livre

Contorno e colorido com lápis.

1) Sobre formas geométricas.

2) Ponteadado espontâneo sem demarcação de limites.

3) Dentro de figuras geométricas.

Modelagem

1) Derivados de formas redondas.

Tesoura, papel e plástico fino

Lápis de cor e gizão

Massa plástica.

3.3 TREINAMENTO AUDITIVO

Considerada a definição de treinamento auditivo de SANDERS, citada na estruturação teórica deste trabalho, os pais devem usar todos os momentos para estimular qualquer resto auditivo que a criança possua.

Como já foi colocado, sempre que possível a criança deverá usar aparelho, indicado pelo médico, após exame clínico e audiométrico. Porém, se for impossível a aquisição da prótes, mesmo assim os pais devem fazer o treinamento.

OBJETIVOS

A criança de verá perceber a ausência de ruídos ambientais

A criança de verá ser capaz de perceber a presença e ausência de sons, produzidos por instrumentos musicais simples.

Reconhecer e discriminar dois ou mais ruídos ambientais bem opostos.

PASSOS TEÓRICOS

Estimular a criança e incentivá-la a descobrir, interessar-se e prestar atenção aos ruídos que existem a sua volta.

Explorar todos os ruídos da vida diária. Expô-la, primeiramente, aos ruídos e assim que descobrir a existência destes, trabalhar com a percepção da presença e ausência dos mesmos.

Fazê-la perceber os ruídos das campainhas, palmas, despertador, batida de porta (quando a criança estiver de costas os pais batem para que ela comece a perceber a vibração da batida), pratos, tampa de panelas, copos, talheres.

O procedimento a ser utilizado é o mesmo dos ruídos ambientais. Deixar primeiro a criança explorar o instrumento, depois conhecê-lo e perceber a presença e ausência dos sons. Finalmente, fazer brincadeiras, colocando a criança de costas e os pais, bem juntos dela, tocam um instrumento e pedem que ela mostre qual é. Aos poucos ela vai sentindo o tipo de vibração diferente de cada um deles e vai identificando os sons.

Só serão trabalhados os sons que a criança já é capaz de distinguir a ausência e a presença.

Os pais começam com duas oposições bem evidentes e depois vão introduzindo mais de dois elementos. Ex.: despertador x batida na porta.

- . Busina x descarga
- . Busina x motor de carro x arrastar cadeira.
- . Depois: todos os três acima mais tosse.

MATERIAIS

Despertador
Panelas
Motores

Bumbo
Pandeiro
Tambor
Reco-Reco
Sino
Apito
Chocalho
(todos ou apenas alguns deles)
Campainha
Despertador
Panelas
Motores

OBJETIVOS	PASSOS TEÓRICOS	MATERIAIS
Reconhecer e discriminar dois ou mais sons de instrumentos musicais bem opostos	Trabalhar com a discriminação de sons instrumentais depois que a criança já é capaz de perceber a presença e a ausência.	
Reconhecer e discriminar sons da fala bem diferentes: a x u a x e a x o a x i	<p>Opor dois sons bem diferentes e acrescentar um terceiro. Sempre utilizar de início visão e audição e depois só audição. Ex. reco-reco x sino.</p> <p>. Tambor x sino</p> <p>. Tambor x sino x reco-reco</p> <p>Os pais, antes de iniciar a discriminação de sons vocálicos devem ter certeza de que a criança percebe a presença e a ausência dos mesmos.</p> <p>Trabalham a vogal "a" mostrando a oposição com a vogal "u" inicialmente, por ser a que apresenta maior contraste visual e a seguir o "e", o "o", e o "i", por último.</p>	
Reconhecer as onomatopéias: au x mu, piu - piu x bê, miau x cô-co; quã-quã x bê.	Verbalizar as onomatopéias, utilizando-se de bichos de brinquedo ou gravuras de animais retiradas de revistas.	Bichos de brinquedo gravura de animais.
Perceber a duração longa ou breve de ruídos ambientais	Explorar os ruídos ambientais relacionados com a vida diária da criança: rádio, campainha, buzina, palmas, liquidificador.	Objetos de uso doméstico.
Perceber e discriminar os ruídos ambientais, quanto a sua intensidade, ou seja, forte ou fraca.	<p>Explorar os mesmos ruídos selecionados: rádio, campainha, buzina, palmas, liquidificador. Os pais deverão produzir sons fortes e fracos diante da criança para que esta veja, ouça e procure imitar. A oposição deve ser feita com o mesmo som, ou seja: batida forte na porta x batida fraca na porta.</p> <p>Depois explorar a discriminação da intensidade sem a criança ver. A criança deverá identificar a intensidade e reproduzi-la, imitando os pais ou batendo palmas ou os pés.</p>	

OBJETIVOS

PASSOS TEÓRICOS

MATERIAIS

Identificar a quantidade de impulsos produzidos por uma fonte sonora.

Observação: a intensidade "fraca" deve ser normal (audível para o deficiente auditivo), enquanto o "forte" deve ser bem forte.

Os pais poderão utilizar: batidas na porta, palmas ou sons da fala como as sílabas: pa, ta.

Iniciar, apresentando, primeiro uma batida e determinando um tipo de resposta esperada. Depois apresentar duas, três e quatro batidas, até que a criança seja capaz de determinar o número de batidas ouvidas.

No início deverá fazer muito lentamente e à vista da criança; posteriormente, coloca-se a criança de costas, dá-se as batidas, pede que ela se vire e reproduza o que os pais fizeram.

RECOMENDAÇÕES

Para efetividade deste treinamento é necessário orientar os pais no sentido de relacionarem as dimensões deste treinamento às suas atividades diárias. O responsável pela sua implementação deve esclarecer os pais em certos pontos fundamentais:

- 1 - Quanto a importância da aceitação mútua e de um convívio alegre entre eles e a criança deficiente da audição.
- 2 - Não é pela falta de audição da criança que se deva falar menos com ela; mas ao contrário, sabendo-se da falta de modelos auditivos que a deficiência acarreta deve-se fornecer outros modelos, principalmente, partindo-se de situações experienciais.
- 3 - A criação de uma atmosfera de comunicação agradável é o primeiro passo para o desenvolvimento da linguagem oral.
- 4 - Quanto mais cedo a criança começar a se utilizar de amplificação sonora, melhor para o desenvolvimento da pista acústica.
- 5 - A pista visual vai servir como principal apoio para o deficiente auditivo perceber a movimentação da fala, expressão facial e gestos, que ocorrem no momento da fala.
- 6 - Os momentos de refeição, de banho, de passeios são muito adequados para se trabalhar os objetivos aqui selecionados.

- 7 - Para se desenvolver ao máximo possível a habilidade do deficiente auditivo em se comunicar, é necessário, primeiramente, prepará-lo para a aquisição da linguagem interna e receptiva, a fim de que entenda o mundo que o cerca e possa posteriormente, chegar a linguagem emissiva
- 8 - Mostrar as limitações na educação do deficiente auditivo, a fim de que os pais tenham objetivos realistas com relação aos seus filhos.

GLOSSÁRIO

AUTO-ATUALIZAÇÃO - currículo centrado no aluno, orientado para autonomia e crescimento individual e onde a educação é vista como processo de habilitação que provê os meios para liberação e desenvolvimento pessoal.

CURRÍCULO - "esquema organizacional de estruturação do ensino-aprendizagem."

COORDENAÇÃO GLOBAL - trabalho em esquema corporal, equilíbrio e relações espaço-temporais.

DEFICIENTE - todo indivíduo que apresenta um defeito físico ou sensorial.

DEFICIENTE AUDITIVO - indivíduo que apresenta uma diminuição do grau de audição.

DEFICIÊNCIA SENSORIAL - falha em um dos sentidos de percepção.

DEFICIÊNCIA AUDITIVA SEVERA - compreendida entre 70 e 90 decibéis de perda da audição. Supõe a compreensão apenas, da fala gritada ou amplificada eletronicamente.

(Davis, 1965, p.10).

DEFICIÊNCIA AUDITIVA PROFUNDA - compreendida acima de 90 decibéis de perda de audição. Usualmente tal deficiência impede a compreensão mesmo da fala amplificada.

(Davis, 1965 p.10)

DESENVOLVIMENTO DE PROCESSOS COGNITIVOS - Diz respeito ao refinamento de operações intelectuais. Implica mais no como do que no o que da educação. Objetivando desenvolver uma espécie de tecnologia da mente, vê o problema central de curriculum como estimulação de processos intelectuais e desenvolvimento de conjunto de habilidades cognitivas que podem ser aplicadas na aprendizagem de virtualmente, qualquer coisa.

(EISNER & VALLANCE, 1974.p.6)

DEFASAGEM - diferença de fase entre dois fenômenos.

ESTIMULAÇÃO - ato ou efeito de provocar.

LINGUAGEM INTERIOR OU INTERNA - compreensão do significado dos objetos.

LINGUAGEM RECEPTIVA - compreensão da linguagem falada.

LINGUAGEM EMISSIVA - utilização das palavras expressivamente.

MULTISENSORIAL - é a abordagem que procura combinar a utilização de restos auditivos com as pistas visual, tãtil e cinestésica de modo que a percepção seja mais completa.

PAIS - nesta pesquisa o vocábulo refere-se a ambos, pai e mãe, mas aceita-se apenas um deles, no caso de impossibilidade de presença do outro.

PISTA GESTUAL - utilização de gestos como reforço de palavras faladas.

PISTA VISUAL - utilização da vista como reforço do ouvido.

PRÓTESE AUDITIVA - aparelho de amplificação sonora para aproveitamento de pistas acústicas.

TÁTIL-CINESTÉSICA - é a utilização do sentido do tato combinado à consciência das posições e movimentos dos órgãos fonatórios.

Os termos cuja referência não está anotada foram elaborados pela autora para este trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1a.seção: Citadas no texto

- 1 - BRASIL. Leis, decretos, etc. Lei nº 5692 de 11 de agosto de 1971. Diário Oficial, Brasília, 12 de agosto de 1971; Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e de outras providências.
- 2 - CERVELLINI, Nadir da Glória Haguiara. Treinamento auditivo, In Proposta curricular para deficientes auditivos. Rio de Janeiro, MEC, 1979, v.1, 144 p.
- 3 - EISNER, Elliot & VALLANCE, Elizabeth. Conflicting conceptions of curriculum. Bekeley, McCutchen Publishers, 1974. p.1-18. Tradução de Consuelo Garcia e Louis B.Alcorta.
- 4 - MUZZI, Mariza Cúrcio. Diagnóstico e atendimento precoce do deficiente auditivo. Departamento de Educação Especial da Secretaria de Estado de Educação do Paraná, mimeografado.
- 5 - MYKLEBUST, Helmer R. Psicologia del Sordo. Magistério Español, S.A. Version castellana de la 2a. edición inglesa, 1971, 422 p.
- 6 - NASCIMENTO, Lúcia Schueler & MACHADO, Maria Terezinha de C. Psicomotricidade e aprendizagem. Rio de Janeiro, 1976. 166 p.

- 7 - PICQ, Louis & WAYER, Pierre. Educacion psicomotriz y retraso mental. Barcelona, Científico-médica, 1977
168 p.
- 8 - RAMOS, Aidyl Pérez. Estimulação precoce. Brasília ,
MEC, Departamento de Documentação e Divulgação ,
1978.15 p.mimeografadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

2a.seção: Leituras suplementares

- 1 - ALVES, Tamir Bárbara. Psicomotricidade. Curitiba, 1980. 35 p. mimeografadas.
- 2 - AMADO, F. Problemas de linguagem no adolescente. Educação Hoje, (4): 20-24, 1969.
- 3 - ARAÚJO, Maria Ivone Atalécio de. Experiências de linguagem oral na escola primária. Belo Horizonte, DAP, 1962.
- 4 - AYROSA, G.T. Plano de assistência aos alunos excepcionais da Seção de Ensino Especial do Departamento de Educação Primária: regulamentação da educação do excepcional. Rio de Janeiro, Departamento de Educação Primária da Secretaria de Educação e Cultura, 1968.
- 5 - BENTES, L. As possibilidades de comunicação no problema do egresso. Sociedade Pestalozzi do Brasil, (32): 53-54, 1968.
- 6 - BLOCH, Pedro. Seu filho fala bem ? Rio de Janeiro , Bloch, 1975. 168 p.
- 7 - BRASIL. Leis, decretos, etc. Lei nº 4024 de 20 de dezembro de 1961. Fixa diretrizes e bases da educação nacional. Documenta, Rio de Janeiro, (4), 11-55, mar. 1962.
- 8 - _____. Conselho Federal de Educação. Parecer 853 de 12 de novembro de 1971. Núcleo comum para os cur

- rículos de 1º e 2º graus. A doutrina na lei 5692. (relator: Valnir Chagas) Documenta. São Paulo, (132) : 166-190.
- 9 - _____. Conselho Federal de Educação. Parecer 45 de 14 de janeiro de 1972. A qualificação para o trabalho no ensino de 2º grau. O mínimo a ser exigido em cada habilitação profissional. (relator: Pe. José de Vasconcelos). Diário Oficial, Brasília, 04 de fevereiro de 1972.
- 10 - _____. Conselho Federal de Educação. Parecer 339 de 06 de abril de 1972. Formação especial do currículo de 1º grau. (relator: Roberto Figueira Santos) Documenta. Brasília, (137): 111-123, abr.1972.
- 11 - _____. Centro Nacional de Educação Especial. Educação especial; dados estatísticos : 1974, v.1.
- 12 - COSTALLAT, Dalila Molina. Psicomotricidade. Porto Alegre, Globo, 1979. 184 p.
- 13 - _____. Psicomotricidade. Buenos Aires, Losada S.A., 1973. 332 p.
- 14 - DAVIS, H. Guide the classification and evaluation of hearing handicapped. Transation of american academic ophthalmological, otolaringincal. July-august : 740-751, 1965.
- 15 - DÓRIA, A.R.F. Os deficientes da audiocomunicação e os benefícios da Lei nº 5692; generalidades. Educação 3 (10): 12-6, 1973.
- 16 - FERNANDES, Eugênia. Uma história verdadeira. Revista Manchete, Rio de Janeiro (1 464):18-21, mai.1980.

- 17 - FRY, Denis B. O desenvolvimento do sistema fonológico na criança normal e na criança surda. Tradução de SMITH, Frand & MILLER, George. The genesis of language. Cambridge, Maas., MIT press, 1968, pela DERDIC/PUC.
- 18 - JONES, Barry W.A. study of complementation in the language of deaf and hearing students. American annals of the deaf. Feb., 1979.
- 19 - MASPETIOL, R. La educación del niño sordo. Buenos Aires, mimeografado.
- 20 - PINTO BALLESTEROS, Pablo. Leitura para excepcionais e dislexícos. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1979. 90 p.
- 21 - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO. Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação. Proposta curricular para deficientes auditivos. Rio de Janeiro, MEC, 1979 12 v.
- 22 - POPPOVIC, Ana Maria. Alfabetização, disfunções psiconeurológicas. São Paulo, Vetor, 1968. 156 p.
- 23 - VAYER, Pierre. El diálogo corporal. Barcelona, Científica-médica, 1972. 207 p.